



VOCÊ  
ENTENDEU  
TUDO ERRADO

E se fosse possível  
ter aquela conversa  
que nunca aconteceu?



MARIANNE KAVANAGH

Para leitores de Jojo Moyes e David Nicholls

VOCÊ E se fosse possível  
ter aquela conversa  
que nunca aconteceu?  
ENTENDEU  
TUDO ERRADO  
MARIANNE KAVANAGH

Tradução  
ELISA NAZARIAN

ÚNICA  
editora

Sentimento é uma coisa complicada. Vira e mexe temos aquela pessoa em nossas vidas que nos desperta um mix de sensações, numa espécie de montanha-russa que nos leva do amor ao ódio em poucos segundos. Para aliviar a confusão, nada melhor do que uma boa música e uma ótima leitura, não é mesmo?

Ouçã a playlist especial que preparamos enquanto mergulha nesse romance de desencontros: [http://bit.ly/playlist\\_voce-entendeu-tudo-errado](http://bit.ly/playlist_voce-entendeu-tudo-errado)

**Diretora**

Rosely Boschini

**Gerente Editorial**

Carolina Rocha

**Assistente Editorial**

Natália Mori Marques

**Controle de Produção**

Karina Groschitz

**Tradução**

Elisa Nazarian

**Projeto gráfico e Diagramação**

Vanessa Lima

**Capa**

Ester Marciano

**Imagens da capa**

Pando Hall/Getty Images  
Ollyy, Smileus, LilKar/Shutterstock

**Revisão**

Vero Verbo Serviços Editoriais

**Desenvolvimento de eBook**

Loope – design e publicações digitais  
[www.loope.com.br](http://www.loope.com.br)

Única é um selo da Editora Gente.

Copyright © 2015 by Marianne Kavanagh

Título original: *Don't get me wrong*

Publicado mediante acordo com Emily Bestler Books/Atria Paperback, marcas da Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114,

São Paulo, SP – CEP 05029-030

Telefone: (11) 3670-2500

Site: <http://www.editoragente.com.br>

E-mail: [gente@editoragente.com.br](mailto:gente@editoragente.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Kavanagh, Marianne

Você entendeu tudo errado : e se fosse possível ter aquela conversa que nunca aconteceu? / Marianne Kavanagh ; tradução de Elisa Nazarian. – São Paulo : Única, 2017.

ISBN: 9788594900159

Título original: Don't get me wrong

1. Ficção inglesa I. Título II. Nazarian, Elisa

17-0590 CDD 823

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa 823



*Para Philippa*





*Agradeço a Yvonne Wilcox, Alexandra Fabian, Sally Eden, Stephen Ireton, Pavi Sidhu, Manolo Pedrini, Simon Pinkerton, Eve Zeese e Tony Williams, por toda a ajuda no primeiro esboço. Agradeço também às instituições beneméritas do Reino Unido: Meningitis Now e Breast Cancer Care, por responder a questões específicas. Meu amor e meus agradecimentos a minha família, em especial a Joe Kavanagh, Ben Kavanagh, Alice Kavanagh e, como sempre, a meu marido, Matt.*





2015





A SALA DE ESPERA TINHA UMA PINTURA *OFF-WHITE*. Por toda a volta, havia cadeiras de plástico azul, os encostos junto às paredes. Em um canto, duas mulheres, cercadas de sacolas de compras, cochichavam com as cabeças bem próximas.

Era o tipo de sala que fazia você sentir que estava no lugar errado.

Kim estava sentada perto da janela. Seu cabelo loiro estava espetado em tufos.

Ele se sentou. Os hospitais sempre são quentes. Mas não tirou o paletó, para não parecer que estivesse supondo alguma coisa – como uma recepção calorosa.

– Alguma novidade?

Ela sacudiu a cabeça.

O cochicho no canto ficou mais alto. Uma das mulheres mudou de posição, uma sacola Tesco caiu de lado e escancarou. Harry pôde ver caixas de pizza e uma embalagem de leite. Disse:

– Quer alguma coisa?

Ela levantou os olhos. Parecia que alguém havia passado uma tinta escura embaixo de seus olhos.

Ele disse:

– Você está com uma aparência péssima.

– Obrigada.

Kim usava jeans preto, como sempre, mas sua camiseta estava desbotada. Mal dava para ver o desenho de uma cara sorrindo e BRIXTON VIVE! a se destacar, em letras vermelhas.

Ele corrigiu:

– Eu quis dizer que você parece cansada.

Ela não respondeu.

– Café?

– O quê?

– Quer que eu lhe traga café?

– Não.

Depois de um tempo, ele perguntou:

– Chá?

– Harry, cale a boca. – A voz de Kim soou tão alta que uma das mulheres do canto levantou os olhos. – Eu não teria telefonado se soubesse que você ia ficar sentado aí, jogando conversa fora, a noite toda.

Harry falou devagar: – Mas estou feliz por ter telefonado.

Acabada, ela desmoronou: – Achei que você deveria saber.

As duas mulheres olhavam para eles, agora. Viramos um drama de TV, pensou Harry. Um pouquinho de entretenimento de hospital para uma noite de domingo. Ele lhes escancarou um sorriso, para deixá-las envergonhadas, e elas abaixaram os olhos. Uma delas endireitou a sacola Tesco e a trouxe para mais junto da cadeira.

Por um tempo, ninguém na sala disse qualquer palavra. Harry queria

perguntar mais coisas. Queria tirar o paletó, buscar café – de preferência no tipo de máquina que prometia um *espresso* duplo. Mas não conseguia se mexer. Sentia-se como uma mosca numa teia, todo enrolado num fio de seda grudento.

A porta se abriu. Uma mulher de túnica e calça azul olhou em torno. Kim empalideceu e se endireitou.

– Não se levante – disse a mulher. – Só queria que soubesse que nós terminamos. Agora, meu turno acabou. Você só vai me ver de novo amanhã, se ainda estiver aqui.

– O que está acontecendo? – perguntou Harry.

– Você é parente?

– Não, não é – disse Kim.

Harry leu o nome na identificação: doutora Annan.

– É um amigo – disse Kim, depois de uma pausa.

Ele lhe deu uma olhada rápida.

A médica disse:

– Não houve mudanças. Temos de deixar os remédios fazerem efeito.

– Quanto tempo vai levar até que a gente saiba? – perguntou Kim.

– Não dá pra dizer, sinto muito. Agora é só esperar.

Fim da informação. Harry não podia acreditar que Kim estivesse permitindo que ela fosse embora. Ao ver a médica sair da sala, a necessidade de Harry saber mais ficou tão forte que ele quase gritou. Mas não tinha direito de exigir informações. Não tinha direito a nada. Sentiu que as mulheres do canto o observavam. Tinham ouvido cada palavra.

– É maravilhoso, não? – disse em voz alta, dirigindo-se às duas. – O Sistema Nacional de Saúde. Uma equipe tão dedicada!

Elas desviaram os olhos.

– Mas ela é boa – disse Kim.

– Eu não disse que não era.

Ele pensou que ela fosse discutir. A velha Kim o teria feito. Teria mergulhado numa preleção sobre o direito público aos serviços essenciais. A cada um de acordo com sua competência, a cada um de acordo com sua necessidade. Ela não disse nada.

– E agora? – perguntou Harry.

– A gente espera. – os olhos dela não tinham expressão. – Ou, pelo menos, eu espero. Você faz o que tiver vontade.

– Aqui?

– Se quiser, pode entrar. É a cama da esquerda.

– Você vem?

– Agora, não.

Ela parecia muito pequena e vulnerável ali, sentada na cadeira fria, encostada contra a parede. Não combinava com ela. Kim era uma lutadora. Ele disse:

– Eu poderia ir pra casa e lhe trazer alguma coisa. Uma muda de roupas?

Ela sacudiu a cabeça. E ele entendeu. Se a vida está uma droga, um jeans limpo não vai ajudar. Em todo caso, ela nunca se preocupara muito com a aparência. Eva era quem ligava, com suas saias hippies compridas, suas contas e echarpes longas. Harry engoliu em seco.

– Quer que eu ligue pra alguém?

– Como quem?

– Sua mãe? – Ele quase podia ouvir a voz dela: *Nunca fui muito boa com doenças. Acho que são muito exaustivas!*

– Liguei pra ela, hoje de manhã. Ela não pode vir.

Harry acenou com a cabeça. Não teria esperado outra coisa.

– Seu pai?

Ela olhou para ele como se fosse idiota. – Por que eu ia querer que você telefonasse para o meu pai?

Porque ele é da família. E é isso que se faz numa situação dessas. A gente chama para perto as pessoas que poderiam ajudar. Mesmo que não as veja há anos.

– E o Jake?

Kim levantou-se tão repentinamente que a cadeira deu um pulo.

– Harry, se você não calar a boca, vou me sentar em outro lugar, está bem? Não é necessário que você se intrometa e assuma o controle. Fiz tudo o que era preciso. Liguei pra você porque achei que devia. Mas não preciso de você. Estou bem sozinha.

Estava tremendo.

Depois de um tempo, sentou-se, mas manteve a cabeça virada para a janela, embora não fosse possível ver nada – árvores, ônibus vermelhos, ambulâncias – por causa das persianas brancas.

Harry procurou o celular no bolso do paletó: – Vou dar uma saída. Volto mais tarde.

Se ela ouviu, não deu sinal.

No corredor, que tinha um cheiro forte de desinfetante, Harry, com seu terno feito de cashmere e à mão, recostou-se na parede. O desânimo fez seu corpo parecer leve, seus ossos ocos.



Kim sentiu-se enjoada. O esforço de enfrentar Harry tinha levado o que lhe restava de energia. Desejou ter alguma coisa no bolso para comer,

uma caixinha velha de balas de menta, algum chocolate. Mas não tinha nada. Nem mesmo tinha dinheiro na bolsa. Isso seria algo em que ele poderia ter ajudado. Ele sempre tinha dinheiro. Notas enroladas em maços grossos, prontas para ser destacadas e usadas.

– Aquele é seu namorado? – disse uma das mulheres do canto. Ambas olhavam para ela.

Kim sacudiu a cabeça em negação.

– Eu não teria dito não pra ele – disse a maior delas. Seu cabelo estava tão puxado para trás que a pele da testa estava lisa e brilhante. Usava brincos de argola de ouro.

As mulheres riram.

– Ele parece aquele ator da televisão – disse a mulher de brincos para a amiga. – Aquele italiano que está sempre sorrindo. Você sabe. – ela se voltou para Kim. – Então, quem é ele?

Kim percebeu que estava tremendo. Correu as mãos ao longo dos braços, subindo e descendo.

– Você está bem?

Ela apertou mais os braços junto ao peito.

– É a espera. É isso que acontece. Acaba com você. Estamos aqui desde às três. E, agora, estão tirando sangue dele – ela estremeceu. – Não aguento sangue. Nunca aguentei sangue.

Deixe-me em paz. Por favor, deixe-me em paz. Não posso pensar em nada, a não ser em não pensar.

A porta se abriu. Uma enfermeira de uniforme azul ficou na soleira. O coração de Kim gelou. Mas ela olhou para as mulheres no canto:

– Vocês já podem entrar.

Houve a agitação de pegar os casacos e levar as sacolas até os ombros.

Ao saírem, a mulher que havia conversado olhou para Kim e acenou com a cabeça: – Espero que tudo acabe bem.

A porta fechou-se com uma batida. Kim estava novamente sozinha.

Exceto que, como sempre, Harry estava em algum lugar por perto. Harry sempre estava por perto.

Kim colocou a cabeça nas mãos.



2006





– NÃO CONSIGO VÊ-LA – DISSE KIM.

Do lado de fora, sob o sol quente de julho, todos os pais estavam ombro a ombro, rindo e conversando como convidados num casamento. As mulheres usavam sedas rosa e linho creme, os homens, ternos cinza-claro. Braceletes de ouro reluziam. Diamantes captavam a luz, faíscas de eletricidade. Os novos graduados, com suas túnicas pretas, destacam-se como corvos.

Do alto dos degraus de pedra, Kim esquadrinhava os rostos abaixo. Durante toda a cerimônia, não conseguira ter certeza.

– Ela estará aqui, em algum lugar – disse Izzie.

Estará? Eva nunca chegava na hora para nada. Kim respirou fundo. Não pense nisso. Esvazie sua mente.

Ao lado dela, Izzie começou a acenar. Kim olhou os degraus abaixo, a multidão se abriu e lá, abaixo delas, um homem de aspecto enrugado, rosto vermelho, estava amparado no que parecia ser um grande sofá floral.

Os olhos de Izzie arregalaram-se.

– Tudo bem, querida? – disse o homem de rosto vermelho, inclinándose para beijá-la.

– Foi lindo – disse o sofá floral. – Chorei o tempo todo.

O pai de Izzie parecia meio estrangulado por seu colarinho. Ele enfiava o dedo para afrouxar o botão, esticando o pescoço como um aficionado por futebol que não conseguia ver o campo.

– Então, vocês chegaram aqui sem problemas – disse Kim, para quebrar o silêncio crescente. – De Newcastle.

– Problema nenhum – disse o pai de Izzie. – Só um pouco de dificuldade, perto de Alnwick.

– Mãe – disse Izzie, recobrando a voz –, onde foi que você arrumou esse vestido?

A mãe olhou para baixo, como se estivesse agradavelmente surpresa com o que via. – Eu mesma fiz. O que você acha?

– Você trouxe um casaco?

A multidão oscilava contra eles. A mãe de Izzie afastou-se de lado, deslizando sobre rodinhas.

– Vamos atrás de uma xícara de chá? – perguntou Izzie, desesperada.

Kim sacudiu a cabeça: – Ainda não posso.

O barulho das pessoas estava crescendo.

– Está esperando seus pais? – perguntou o pai de Izzie.

Ela tornou a balançar a cabeça. Aquela sensação de abandono estava novamente se infiltrando dentro dela, como uma névoa gelada. Não esperava seus pais. Sua mãe não sonharia em viajar lá do sul da França. E seu pai, morando em Leicester com sua nova mulher e filhos pequenos, nem ao menos sabia o dia de sua formatura.

– Não – ela disse –, minha irmã.

– Então, o que acham de algumas fotos? – perguntou o pai de Izzie, sacando uma câmera maltratada em uma capa de couro marrom.

Kim sentiu-se constrangida. Não queria fazer parte das lembranças da família de outra pessoa. Izzie era sua amiga desde o primeiro ano, mas isso não significava que quisesse terminar em uma moldura prateada sobre uma televisão em Newcastle. Estava se esgueirando de lado, com passinhos curtos para que ninguém notasse, e de repente houve um grito à esquerda e uma pequena explosão, como fogos de artifício. Alguém disse: – Cuidado! – tarde demais e Kim se viu borrifada à queima-roupa por um litro e meio de *cava*, *prosecco* ou, provavelmente (por estar em Edimburgo) algum champanhe superior. Ela piscou e cuspiu, enquanto alguém dizia: – Ah, desculpe! – Então, viu-se pingando no meio de muita gente, assediada por pessoas que queriam ajudar, enxugando-a com lenços de papel, insistindo para que tirasse sua ensopada túnica alugada. Outra pessoa, provavelmente uma mulher alta que trazia na cabeça um adorno azulão, repetia sem parar: – Pobre menina. Olhe pra ela. Olhe pra ela! Parece um pintinho molhado. – Foi quando, no meio da balbúrdia, sacudindo a bebida do cabelo, ouviu uma voz conhecida:

– Kim? – disse Eva.

Com um surto de alegria, Kim olhou para cima. Lá estava a irmã com seu cabelo loiro-branco, seu rosto de ossos delicados, aquele ar sempre presente de leve surpresa. No exato momento em que a reconheceu – conforme a familiaridade da pessoa a quem mais amava no mundo a fez se sentir realmente viva de novo, da cabeça aos pés –, Kim percebeu, com um tranco no coração, que Eva não estava só. Ao lado dela, sorrindo, pairava Harry.

Kim estreitou os olhos. – Que diabos ele está fazendo aqui? –

perguntou à irmã.



As pias eram minúsculas. Toda vez que alguém abria as torneiras, a água batia no esmalte branco e se espalhava pelo chão. Como consequência, o piso de lajotas estava traiçoeiro como gelo.

– Detesto ele! – disse Kim.

– Eu sei. Você já me disse isso, muitas vezes. – O sotaque de Newcastle de Izzie estava mais forte do que o normal. Seus pais o tinham reativado, como açúcar em fermento.

– Ela nunca o deveria ter trazido. Não, sem me perguntar.

– O que você teria dito?

– O quê?

– Se ela lhe perguntasse.

Kim ergueu o queixo:

– Teria dito não.

Tinham acabado de chegar ao restaurante para celebrar o novo status de formadas. Enquanto os outros se sentavam, Kim, ainda ensopada, agarrara a mão de Izzie e corra com ela para o andar de cima. A raiva fervia dentro dela, incandescida, como lava derretida. Tinha visões de entrar em erupção como um vulcão, transformando todos ao redor em pedra. Anos antes, Eva, brevemente animada com a homeopatia, havia dito que o organismo de Kim era do tipo *phosphorus*. Isso significava que ela era como um fósforo – rápida para acender, e igualmente rápida para apagar. Saber disso não serviu de ajuda. Kim preferia ser calma e beatífica como Gwyneth Paltrow.

– Sabe, olhando de fora, ele parece bem normal – disse Izzie.

Izzie tinha grande admiração por pessoas adaptáveis. Não sabia como fazer isso. Debruçava-se sobre revistas, fazendo listas de produtos mágicos de beleza e livros de autoajuda. Ouvia atentamente quando as pessoas discorriam sobre yoga, *goji berries* ou aprendizado de japonês. Preocupava-se que seu cabelo fosse rebelde em excesso, suas coxas, gordas demais e que ninguém mais achasse o fagote interessante.

– Você olha para alguém como Kate Moss – dizia –, que parece não seguir nenhuma regra. Mas todo mundo ama a Kate. Então, o que a gente deve fazer?

Kim achava isso estranho. Que as pessoas pensem o que quiserem. O que mais dá pra se fazer além de ser você mesma?

– Ele estava conversando com meu pai sobre Michael Owen – disse Izzie.

Kim nem piscou.

– Newcastle United. Lesão no joelho. Copa do Mundo.

– Mas isto é exatamente o que Harry faz – disse Kim, num surto de irritação. Estava recostada no secador de mãos da parede, enquanto Izzie, que tinha o pé fincado na porta do cubículo para mantê-la aberta, sentava-se na tampa abaixada do vaso sanitário mais próximo. – Descubra seu interesse e faz você falar.

– Isto não é crime, é? Ser um pouco falante?

A porta principal abriu-se num ímpeto contra a parede e a barulheira do restaurante abaixo se fez presente. – Ah, desculpe – disse uma mulher com cabelo vermelho vivo e vestido verde.

– Não se preocupe – disse Izzie. – A gente só está se escondendo do Harry.

A mulher seguiu em frente, escorregou no chão molhado e caiu de

cabeça dentro de um cubículo. Elas ouviram um gritinho de dor.

De novo, Kim tentou: – Ele deixa as pessoas encantadas. Faz com que gostem dele.

– Você não gosta dele.

– Vejo através dele.

Izzie inclinou a cabeça de lado: – Então, você está dizendo que é tudo falso?

– Dá pra ver nos olhos dele. Ele não é direto.

– Não é direto?

– Ele esconde alguma coisa – disse Kim, sem paciência.

– Todos nós escondemos alguma coisa.

– Você, não.

– Como é que você sabe? – Izzie ergueu as sobrancelhas.

Kim mudou de posição. O secador ligou sozinho. Atingida pelo ar morno, ela gritou, encobrindo o barulho: – Ele faz mal pra ela.

– Pra Eva? – Izzie esperou o barulho terminar. – Ela sabe se cuidar.

Não, não sabe. Você não faz ideia. Ela não é nem um pouco forte como parece ser.

– Algumas pessoas diriam que ela se saiu bem – disse Izzie. – Ele é rico, é bonito, não tem uma mulher aqui que daria o fora nele.

Ele é como papel higiênico grudado na sola do seu sapato.

– O que ele fez pra você detestá-lo?

A cabeça de Kim estava tão tomada de fúria que ela não conseguia pensar por onde começar.

Izzie suspirou: – Eu sei. Ela é sua irmã. Ninguém serve. Mas é ele que ela quer. Você está numa batalha perdida. Só vai acabar se sentindo um caco.

A descarga foi acionada no cubículo próximo.

Izzie levantou-se. – É como a oração da serenidade. Mude o que pode, aceite o que não pode, e seja sábia o bastante para perceber a diferença.

Isso irritou Kim. Talvez você devesse seguir seu próprio conselho, pensou, e parar de tentar se transformar naquilo que pensa que as outras pessoas querem que você seja. Mas, então, sentiu-se culpada. Izzie só estava tentando ajudar.

De volta ao andar de baixo, ensurdecidas por risadas e batidas de talheres, foram prensadas contra a parede por um garçom que carregava uma bandeja de prata.

– Quer trocar de lugar? – gritou Izzie. – Se preferir, posso me sentar ao lado dele.

Não fazia diferença, pensou Kim, enquanto seguia Izzie pelo restaurante lotado. Mesmo que ele estivesse na outra ponta da mesa. É aquela autoconfiança que ele transpira. A convicção de que esteja certo. Ela se difunde no ar como um nevoeiro. Ele ri de tudo que me interessa. Faz com que eu me sinta pequena e insignificante – como se eu fosse uma formiguinha preta correndo por aí, enquanto ele dá largas passadas, feito Deus. Quando o conheci, ele bloqueou o sol. Que idade eu tinha, uns 13? Deitada no jardim dos fundos, com short velho e gasto e *top* curto, a grama comprida debaixo dos dedos, transpirando no primeiro dia quente em semanas. Christine, do vizinho, disse que o mapa do tempo na TV tinha ficado completamente laranja. Eu podia sentir a pele ardendo, ferroadas minúsculas de calor. *Fique sempre longe do sol*, minha mãe costumava dizer. *Envelhece demais*. Meu ato de rebeldia adolescente: tomar banho de sol.

– Kim? Este é o Harry.

O mundo escureceu. Um eclipse.

Eva disse: – A gente vai comprar sorvete. Você quer algum?

Eu não conseguia falar. Sonolenta, zozona de calor, não conseguia dizer uma palavra.

– Não quer sorvete? – Uma voz grave, estilosa, de rapaz.

Olhei para cima, mas não consegui ver seu rosto, apenas uma sombra, como um rochedo contra a luz branca ofuscante.

– Você é sempre tão falante?

– Ah, deixe ela em paz, Harry. Ela só quer aproveitar o sol.

Protegi os olhos com a mão e, aí sim, pude ver sua expressão.

– Harry?

Rindo de mim. Seu rosto todo franzido, um sorriso de orelha a orelha, como se eu fosse uma grande piada.

– Harry? Vamos lá.

Então, eles se foram e o sol me cegou. Sentei-me e o mundo estava desbotado, como se alguém tivesse passado alvejante. Continuei olhando enquanto eles caminhavam de volta para casa. Ele era uma cabeça mais alto do que Eva, e magro. Só tinha ossos, como diria Christine.

No alto da escada de concreto, ele parou: – Então, esta é sua irmã caçula.

Mantive-me quieta.

– Sabe de uma coisa? Ela ficaria bem bonita se sorrisse.

A mágoa. A raiva. Era de se pensar que os anos fariam diferença, mas não fizeram.

Quando eu era adolescente, ele passava a maioria dos finais de semana em nossa casa. Ocupando espaço. Não havia ninguém para impedi-lo.

Papai tinha ido embora. Mamãe vagava em um vestido de passeio e uma nuvem de Chanel, feliz em passar a noite (a semana, o final de semana) com qualquer um que a convidasse. Não daria para adivinhar que houvesse nascido sobre uma *fish and chips*,<sup>1</sup> em Torquay. Pela voz, era de se pensar que tivesse crescido em Kensington, em uma daquelas majestosas casas brancas com grades pretas, babás e carrinhos de bebê, como a carruagem da Cinderela. Mamãe amava Harry. *É como um jovem Montgomery Cliff, sabe, querida? Todos aqueles filmes da década de 1950.* Ela dizia que ele se encaixava muito bem com Eva, alto e moreno, diante da fragilidade loira dela.

Era tudo que importava para mamãe. A aparência das coisas.

Assim, papai tinha ido embora, mamãe tinha ido embora, mas Harry estava sempre por perto. Eu entrava na sala de visitas para assistir à TV e lá estava ele, deitado no sofá, cabeça para um lado, pés para o outro, ocupando todas as almofadas. Se não estivesse no sofá, estaria lá em cima, no quarto de Eva. Eu ficava sentada à mesa da cozinha, o livro de matemática aberto à frente, o olhar fixo nos retângulos disformes, ouvindo-os rir. Depois vinham os sons de batidas, como coisas caindo, e música o tempo todo, as velhas coisas da década de 1960 de que Eva tanto gostava, como Mamas and the Papas, Janis Joplin, Jimi Hendrix, The Byrds – suas vozes se entrelaçando para lá e para cá, como tecidos. Eva dizia que uma de suas músicas havia sido escrita pelo rei Salomão, estava na Bíblia. Para tudo há uma época e um tempo para cada propósito sob o céu. Se alguma coisa não estiver dando certo, não adianta dar pulos e ficar todo estressado. É como bater a cabeça contra uma parede. Um tempo para nascer e um tempo para morrer. Um tempo

para chorar e um tempo para rir. Um tempo para amar e um tempo para odiar. Um tempo de guerra e um tempo de paz.

Um tempo para calcular áreas e perímetros.

Desenhei um ratinho a lápis no canto do livro. Tinha um nariz pontudo, duas orelhas grandes como discos de satélites e um rabo comprido e fininho.

As batidas pararam. Deviam ter terminado de fazer sexo. Colori as orelhas do rato.

Ouvi a porta do quarto se abrir. Talvez ainda fossem The Byrds. Mas poderia ter sido Bob Dylan. O barulho dos pés descendo a escada. Puxei um pedaço de papel para esconder o rato.

Harry entrou na cozinha. Era quase tão alto quanto o batente da porta. Cachos pretos e lustrosos, como um *cocker spaniel*. A camisa branca, semiabotoada, fazendo sua pele parecer mais escura. Sempre usava camisa branca. Como se nunca deixasse o escritório.

– Fazendo lição de casa?

Não respondi.

Harry deu uma olhada na mesa: – Matemática.

Isto também não parecia pedir uma resposta.

– Eva disse que você acha essa matéria difícil. Que você não gosta dela.

Eu não ia levantar os olhos.

– Não é difícil. Dê-me cinco minutos e eu posso lhe ensinar.

Tão superior! Só porque foi para uma escola particular. A ideia de me sentar com Harry olhando um livro de matemática me fez ficar enjoada. Debrucei-me sobre meus retângulos. Ouvi-o mexendo na cozinha, fazendo chá, deixando cair uma colher na pia de aço inoxidável.

Ao sair, ele parou à porta. Pude senti-lo ali, parado, só me olhando.

Então, ele disse:

– Se mudar de ideia, sabe onde me achar.

Desenhei um nariz preto grande e sem forma no rato, pressionando o papel com força. O rato olhou de volta, indignado.

Eu sei onde você está. Está sempre por aqui.



– Então, o que você faz, meu bem? – perguntou a mãe de Izzie, ajeitando-se para trás na cadeira, com uma grande onda de tecido florido. Ela não era a única que tinha aparecido em Edimburgo com roupas estranhas, mas era a única que havia tentado usar todo o departamento de cortinas da John Lewis.

– Nada demais – disse Eva, sorrindo.

– Ela é musicista – interveio Kim –, e uma defensora do meio ambiente.

A mesa deles estava enfiada em um dos cantos do restaurante, meio escondida por uma coluna. Isto significava que a conversa entre eles não era encoberta por toda a animação e gritaria do entorno. Mas, também, que eram esquecidos pelo garçom. É por isso que eu me sinto tão bêbada, pensou Kim, voltando a encher seu copo. Não tem comida suficiente para absorver todo o álcool.

– O que quer dizer – disse Harry – que ela viaja pelo país com seu violão, atravessando campos enlameados com botas de borracha.

Eva riu.

Kim o encarou, irritada: – Como é que você sabe?

O rosto de Eva era sempre ângulos e sombras, mas, nesta noite, sempre que parava de sorrir, dava para ver que tinha círculos escuros debaixo dos olhos. Kim franziu o cenho. Haveria algum problema? Normalmente,

Eva não se deixava oprimir por nada. Às vezes, achava as outras pessoas incompreensíveis, e em geral acreditava que a vida acabava se resolvendo se a pessoa não se estressasse demais com os detalhes.

– Ele foi comigo, uma vez – disse Eva. – Até uma comunidade a oeste de Gales. Um sítio no meio do bosque. Eu disse que ele não poderia julgar, enquanto não passasse pela experiência.

Harry pareceu desanimado: – Eles me fizeram comer lentilhas.

– O vegetarianismo é uma maneira muito mais eficaz de alimentar o mundo – disse Kim.

– E tofu fermentado.

– Trata-se de obter o melhor uso da terra preciosa.

– E marijuana – Harry contraiu o rosto. – Ou isto é o que vocês vestem?<sup>2</sup>

Um duelo rápido e inteligente com Harry excluía todos os outros. Kim sabia disso, mas não conseguia se refrear:

– Você não pode fingir que comer um filé não passa de uma escolha individual. Não é. O que você faz afeta outras pessoas.

A mãe de Izzie olhou para seu prato vazio com uma expressão de alarme.

– Basicamente – disse Harry –, Eva nasceu no século errado. Ela quer voltar no tempo, sem TV, carros, medicina moderna. Seu ideal seria algum tipo de vila medieval: pegar água em poço, ordenhar manualmente, cavar a terra para colher batatas. – Ele falava com uma expressão ingênua e inocente. – Cheio de pessoas com furúnculos e dentes ruins.

Até parece, pensou Kim. Eva irradia luz. Brilha. Crianças e senhoras a veem passar com sorrisos pensativos. Os homens a encaram e

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Você Entendeu tudo Errado" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).